

A filosofia de um trovador nordestino

Referências bibliográficas

Rodrigo de Albuquerque Marques

rodrigo.marques@uece.br

Professor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), campus da UECE em Quixadá, mestre em Letras e Doutor em Literatura Comparada pela UFC, autor do livro *Literatura cearense: outra história* (Dummar, 2018).

Patativa do Assaré, sempre ao se apresentar, fazia questão de associar as tarefas do agricultor com a do poeta. A dupla condição de caboclo da roça e de trovador compunha uma visão de mundo ao mesmo tempo singela e complexa, marcada por uma consciência de classe contestatória e atraente, mas conformada por uma visão providencialista e maniqueísta da História. Neste impasse parece residir os limites, não só de Patativa, mas de toda a poesia insubmissa que vemos, de tempo em tempos, eclodir na veia popular.

O presente estudo procura delinear os pressupostos do que seria aquela visão de mundo presente no principal livro de Patativa: *Cante lá que eu canto cá* (1978), cujo subtítulo dá o mote para este ensaio: “filosofia de um trovador nordestino”. Por óbvio, não era propósito do poeta sistematizar um pensamento filosófico cerrado e tributário às tradições filosóficas do Ocidente. “Filosofia” aparece aqui no sentido que advém da expressão do senso comum “filosofia de vida”, sinônimo de sabedoria, de razão para conduzir bem os desafios do viver. Contudo, a nossa reflexão aqui procura investigar as bases desta sabedoria por meio de categorias retiradas dos estudos da linguagem, do Marxismo e da filosofia da história, justamente para traçar um esboço mais sistematizado de uma possível “filosofia de um trovador nordestino”.

De forma didática, escolhemos três eixos de problematização: 1º) A linguagem matuta dos poemas e a constituição de uma episteme para a “filosofia do trovador”; 2º) O trabalho na roça como marca ontológica do próprio “poeta filósofo”; 3º) Visão maniqueísta e providencialista da História como limitador de uma práxis efetiva e emancipatória.

O conjunto da obra de Patativa do Assaré acusa a

presença tanto de poemas que seguem a norma padrão da Língua, vide os poemas “O Burro”, “O Pau d’arco”; “O Peixe”, “A Menina mendiga”, quanto de poemas vazados no que se costumou rotular de “linguagem matuta”, marcada pelo léxico sertanejo e pela sintaxe típica da oralidade de comunidades rurais. Se a maioria dos poemas se apresenta na “linguagem do sertão” deve-se exclusivamente a uma decisão poética do autor, que preferiu construir uma “voz lírica” neste registro, sem que lhe faltassem os meios para versejar à moda “acadêmica” ou canônica.

A opção pela “linguagem matuta” cravou o timbre e a identidade da “voz lírica”, não deixando espaço para ambiguidades quanto a sua arquetipia: é uma fala sertaneja, masculina, de uma região específica do Nordeste brasileiro: o Sul do Ceará, a região do Cariri, onde a pequena cidade do Assaré está assentada, modulada por um ritmo frasal peculiar, com acentos, nasalizações, vogais arrastadas, a manusear a Língua Portuguesa com soluções que vão desde arcaísmos à incorporação de neologismos por vezes retirados dos sons da natureza. Ao mesmo tempo, esta voz não se apresenta como mera transcrição de um diálogo real. Compõe-se como voz inventada, literariamente construída segundo às normas de uma poética fronteira à cantoria, ao cordel, ao cânone romântico e à lírica maneirista ibérica. Com este arranjo, a “fala matuta” adquire *status* literário sem perder suas origens. Ao adotá-la, o poeta assume a função de Corifeu, destacando-se como porta-voz de um povo:

Canto a vida desta gente
Que trabaia intê morrê
Sirrindo, alegre e contente,
Sem dá fé do padecê,
Desta gente sem leitura,

Que, mesmo na desventura,
Se sente alegre e feliz,
Sem nada sabê na terra,
Sem sabê se existe guerra
De país cronta país.
("Vida Sertaneja")

Talvez seja difícil ao leitor que presenciou ou assistiu em vídeo Patativa recitando seus poemas, separar o timbre, as pausas, os pigarros e os cacoetes de senhor de idade, da voz que salta dos poemas, que não está sujeita às intempéries do tempo. Mas aqui analisamos esta personagem coletiva que encena um tipo brasileiro em todo seu esplendor, ao evocar costumes, expressões, religiosidades e superstições, e não o homem Antônio Gonçalves da Silva. Sabe-se que o autor primeiramente recitava para alguém tomar nota ou gravava seus poemas para só depois ganhar transcrição. Metaforicamente, é na passagem da oralidade para a escrita que os poemas deixavam seu mundo de origem para encarnar na Letra. Sem essa mudança, os pressupostos desta "filosofia de trovador" restariam inexistentes, pois a morte da voz autoral e sua encarnação na palavra escrita, e vice-versa, ou seja, o leitor que a qualquer tempo recupera a voz original extraindo-a do texto, representa o trânsito possível entre as duas dimensões sociais dramatizadas em praticamente todos os poemas, resumidas no verso: "Cante lá que eu canto cá", que são o mundo da cidade, da rua, da praça, da ciência, do gozo, da letra, do livro e do estudo formal em oposição ao sertão, à experiência, ao dom divino, à natureza, à oralidade, ao sofrimento e ao trabalho excessivo na roça. A morte demonstra que as duas dimensões são intercambiáveis no campo artístico pelo trabalho do poeta.

A escolha pela "linguagem matuta" representa a

pedra fundamental da “filosofia de um trovador nordestino”. Dela, emerge sua posição epistemológica inseparável da poesia. Visto assim o conjunto de poemas de *Cante lá que eu canto cá* argumenta as questões da comunidade de onde ela provém, procurando dar sentido ao sofrimento, à fé e ao trabalho daquele povo, sem descuidar de uma Estética formuladora do seu próprio fazer e de suas implicações éticas. Sem a poesia, a possibilidade de trânsito social e de reflexão das estruturas sociais ficariam praticamente inviáveis, o que nos leva a concluir que a “filosofia” encetada ali se dirige aos moradores da Serra de Santana e por metonímia a grupos sociais semelhantes.

A “filosofia de um trovador” destina-se a uma tomada de consciência de destinatários específicos, incluso aí o próprio “filósofo/poeta”, através da arte. Ora, a tomada de consciência ocorre, indubitavelmente, no plano da linguagem, mas aponta para as condições materiais em que esta linguagem brota e procura traduzir. Os temas da poesia de Patativa gravitam em torno das questões de fundo das circunstâncias sociais do sertanejo. Poesia e terra sempre estiveram unidas em certa tradição popular nordestina. Os cantos de ofício do vaqueiro (toadas, aboios, lamentos) e do agricultor (cantigas de colheita, de debulha e de plantio) integram parte do cancionário do Nordeste. A associação da atividade agropastoril com a poesia é consequência natural do dia-a-dia do homem e da mulher do campo. O plantio nas lavouras e a criação animal nos “mato em fora” e nos currais sempre inspiraram os poetas.

Em tempos de agronegócio, a poesia vista assim parece estar em franca extinção. A maquinaria, o latifúndio e a monocultura, de fato, tiram as famílias e os poetas do campo e tornam estéreis quaisquer possibilidades de poesia que não sejam as de desencanto ou protesto. Todavia, a agricultura familiar é ainda a principal respon-

sável pela alimentação dos brasileiros, com destaque para a produção dos assentamentos do MST, onde a poesia ocupa lugar central na própria organização das atividades de grupo, como nas Místicas e nas acolhidas. Também, as festas de colheita, os festivais de cantoria e as feiras de literatura de cordel reafirmam a tradição de uma “Poesia da terra” na contemporaneidade.

Há aí uma ligação forte entre o trabalho, a terra e a poesia presente em muitos dos poemas de *Cante lá que eu canto cá*. Pelo trabalho no roçado, vai-se descortinando toda a visão de mundo em curso nos poemas. A lida com a terra aproxima o falar sertanejo da luta pela sobrevivência, da exploração dos mais pobres pelos proprietários de terra e pelos poderosos da política, e da relação dos homens e mulheres com a Natureza:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1985, p. 149).

A célebre passagem de *O Capital* nos serve não para afirmar que a tal “filosofia de um trovador nordestino” participa da tradição marxiana, longe disso, mesmo porque, como veremos adiante, a concepção de História

de Patativa destrói qualquer filiação ao marxismo. Mas a discussão posta acima esclarece em categorias filosóficas sedimentadas a visão de mundo do “filósofo/ trovador”. O trabalho com a enxada dá ao poeta não só o seu sustento físico, mas o sustento de sua própria arte, pois se da terra brotam os legumes, dela também ele arranca as rimas, as palavras e os versos de sua “poesia selvagem”:

Canto as fulô e os abrói
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruita de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E de poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.
 (“Cante lá que eu canto cá”)

Novamente, a “linguagem matuta” é o meio por onde uma filosofia e sua práxis refletem e atuam no mundo, pois ela também resulta do processo de produção pelo trabalho no roçado e pela observância direta da

Natureza, produto e criação de uma consciência coletiva. A Natureza e o fazer poético trabalham aqui em unidade, em mútua cooperação. Diferente dos Românticos, quando a Natureza se compadecia ou se alegrava dos sentimentos do bardo, acompanhando seu humor com a lua, o nevoeiro ou o alvorecer, o poeta depende da misericórdia da Natureza para colher versos, tal qual o sertanejo que espera por Deus e anseia por chuva para salvar a lavoura. O poeta lê a Natureza como um Poema e revela, aos seus, os mistérios e desígnios da Criação. Quando isto ocorre, além de Corifeu, assume a posição de Demiurgo/ Corifeu, como se estivesse em transe, afastando-se aparentemente do lugar de fala do agricultor para assumir o lugar de um observador que anuncia e denuncia a condição sofrida do sertanejo:

Sou matuto sertanejo
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzçada
Da quintura do sertão.
Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino.
Eu não sei cantá as vitora
Dos herói com seus brasão,
Nem o má com suas água...
Só sei cantá minhas mágua
E as mágua de meus irmão.

...
Pensando assim desta forma,
Resignado, padece;
Paciente, se conforma
Com as coisa que acontece.
Coitado! Ignora tudo,
Pois ele não tem assistência.
E por nada conhecê
Em tudo o camponês vê
O dedo da Providença.
("Vida Sertaneja")

O poeta desloca-se para o alto e enxerga a situação que é sua de outro ponto de vista, não como se fosse um Outro, mas, numa espécie de ubiquidade, observa e é observado. Aflora aí um sentimento de misericórdia cristã temperada com indignação. O distanciamento dá a medida da consciência de classe: ela se expande até a obediência irrestrita à Vontade divina, da Providência, que se manifesta tanto na ordem natural quanto na sociedade. O pensamento se alinha aos vetores que nortearam movimentos messiânicos como Canudos e Caldeirão, este último tão próximo à Patativa em memória e territorialidade. Naquelas comunidades, a produção da terra era distribuída igualmente, mas o respeito à hierarquia eclesiástica, a noção de expiação dos pecados, a cosmovisão bíblica, a ameaça da Ira de Deus embotavam qualquer perspectiva de revolta ou revolução popular mais séria, não obstante, a reação estatal foi um das mais violentas que se tem notícia na história do Brasil.

A realização da Vontade de Deus ou da Providência na Terra perpassa a noção de Tempo da "filosofia de um trovador nordestino", engessando as mudanças sociais e conformando toda a ação humana a um único motor. Tal

ideia se coaduna com a visão de que a Natureza pode ser lida como Revelação Divina. Assim, nas nuvens, nos caroços de uma fruta, em experiências para adivinhar chuva, em sonho ou na Poesia, tudo compõe uma leitura única da História da Criação. Delineia-se uma cosmovisão ligada ao catolicismo popular que se desenvolveu no Nordeste em princípios do século XX e de maneira especial no Cariri.

Como lídimo representante do seu povo, o “filósofo trovador” incorpora ao seu pensamento e à sua prática de poeta dogmas e preceitos que movem a religiosidade da região: a remissão dos pecados pela penitência; a fé em Cristo e na Virgem; a obediência aos poderes constituídos, sejam eclesiásticos ou seculares; a crença na Justiça divina a ser realizada com a volta de Cristo à Terra ou após à morte, são alguns dos padrões seguidos. A vida sofrida do agricultor integra este complexo como parte da orquestração natural do Mundo, e assim como a abelha trabalha, o lavrador cuida da roça, seu sofrimento é a “sina” ou “a paga” por ter nascido pobre, mas também é uma oportunidade para a salvação da alma, pois mais fácil do que o rico entrar no Reino dos Céus, é passar um camelo pelo fundo de uma agulha. As razões do sofrimento pertencem à Sabedoria de Deus e não cabe ao homem questioná-La:

Eu venho desde menino
Desde muito pequenino
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor

Não nasci pra ser guerreiro
Nem infeliz estrangeiro
Eu num me entrego ao dinheiro
Só ao olhar do meu amor

Carrego nesse meus ombros

O sinal do Redentor

E tenho nessa parada

Quanto mais feliz eu sou

Eu nasci pra ser vaqueiro

Sou mais feliz brasileiro

Eu num invejo dinheiro

Nem diploma de doutor

("Sina")

O orgulho de cumprir a Vontade de Deus com resignação e fé, cumprir aquilo que lhe foi predestinado, também se aplica ao poeta. Da mesma maneira, assim como a patativa canta nos campos, o poeta canta o sofrimento de seu povo. O canto nasce da Dor e a redime. A diferença para os penitentes de romaria reside aí: enquanto o flagelo encena a própria tragédia humana e a sua superação pela Fé e pela expiação dos pecados na carne, a arte do poeta alimenta-se da tragédia humana e lhe dá forma e sentido na palavra. Com isto, a "filosofia de um trovador nordestino" articula os elementos basilares da comunidade a que ela se destina: a fala dos seus membros, a maneira como participam na vida social, o trabalho com a terra, a relação quase pagã com a Natureza e a fé irrestrita em Deus expressa em manifestações públicas de penitência e sacrifícios, típicas do Catolicismo popular.

Não é à toa que Patativa do Assaré está no imaginário coletivo do brasileiro tão identificado ao povo nordestino, pois ele conseguiu produzir uma poesia orgânica, absorvida pela dor e pelas alegrias do homem do campo, com sua "fala" matuta e sua mão calejada pela enxada e a pele marcada pelo Sol.

Referências bibliográficas

MARK, Karl. **O Capital**. Vol. I. Tomo I. Coleção Os Economistas. Tradução Régis Barbosa e Flávio R. Khote. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.